

Aprendizagem Baseada na Resolução de Problemas (APBR)

James Rhem

Quais são as suas consequências

Entre as razões para a importância atribuída à APBR está o facto de ela orientar os alunos para a construção de sentido e não para a recolha de informação. Os alunos aprendem através de conjuntos de problemas e situações contextualizadas. Por isso, e também devido à dinâmica de trabalho de grupo e de investigação independente que se institui, atingem maiores níveis de compreensão, desenvolvem mais competências de aprendizagem (*learning skills*), capacidades cognitivas (*knowledge-forming skills*) e competências sociais (*social skills*). Esta abordagem mobiliza mais rapidamente os conhecimentos prévios, acabando por favorecer uma aprendizagem que se adapta mais rapidamente a novas situações.

Em que consiste

Em certa medida, é evidente que a APBR resulta do trabalho realizado com problemas. Ela é geralmente descrita como “uma estratégia formativa através da qual os alunos são confrontados com problemas contextualizados e pouco estruturados e para os quais se empenham em encontrar soluções significativas.” (...)

O interesse na APBR tem crescido, não só porque as investigações demonstram a maior qualidade das aprendizagens realizadas (...), mas também porque se sente tratar-se de um modelo mais adequado. De facto, ele parece reflectir a maneira como a mente realmente trabalha e não um conjunto de procedimentos “artificiais” que forçam os alunos à aprendizagem (*manipulating students into learning*).

Assim, numa abordagem baseada na resolução de problemas, e enquanto materialização de processos cognitivos, o ensino e a aprendizagem parecem finalmente os dois lados de uma mesma moeda, e não algo que é feito, respectivamente, pelos professores e pelos alunos. Os professores apercebem-se do que há de comum, a nível intelectual, entre investigação e ensino e entre a sua vida intelectual e o seu papel nas vidas intelectuais dos alunos (...).

Origens Históricas

A história moderna da APBR começa no início dos anos 70, na Faculdade de Medicina da Universidade McCaster no Canadá. A sua história intelectual é bem mais antiga. Thomas Corts, presidente da Universidade Samford, vê este tipo de aprendizagem como “um estilo de aprendizagem recentemente recuperado”. Segundo ele, abarca a abordagem dialéctica de pergunta-e-resposta associada a Sócrates, bem como a dialéctica hegeliana (...). Tal como diz John Cavanaugh, “É como, nos anos 60, com a Aprendizagem pela Descoberta. Conhecíamos-la; não a praticávamos. Dewey falava sobre ela quando se referia a *compromisso*. Mantinha-a a um nível abstracto. Agora esclarecemos os pormenores mais facilmente, graça aos avanços da ciência cognitiva e da tecnologia.”

Até há muito pouco tempo, a APBR desenvolvia-se, em particular, no contexto da formação profissional. Mas, lentamente, as ciências começaram a recorrer a ela e, ainda mais lentamente, as humanidades. (...)

Papel e Procedimentos

Habitualmente, uma turma é dividida em grupos de cinco alunos aproximadamente. O número de alunos por grupo mantém-se, em geral, constante ao longo do período. Basicamente, os grupos definem as “questões de aprendizagem” que julgam ser levantadas por cada novo problema e decidem como dividir o trabalho de modo a resolvê-las. Assim, a APBR impõe o recurso sistemático dos alunos a diversas fontes de informação, nomeadamente fontes bibliográficas.

Mas exige também que os professores assumam o papel de tutores e de facilitadores. Mas, este papel “facilitador” é o que coloca, a alguns, o maior de todos os desafios. Saber trabalhar com grupos (tal como saber pôr os grupos a trabalhar) não é fácil. Saber orientar sem parecer estar a esconder a resposta [para permitir que os alunos se envolvam activa e seriamente na sua procura] ainda menos. E também não é propriamente fácil apresentar problemas autênticos, problemas em aberto. (...)

Ao abordar a questão da identificação de problemas [para propor aos alunos] diz John Cavanaugh: “Um ponto de partida pode ser olhar para os testes, pegar nos conceitos aí utilizados e nas perguntas de desenvolvimento e tentar formulá-las sob a forma de problemas reais a resolver”.

Loreta Ulmer, professora de Psicologia na Faculdade Técnica de Delaware, afirma que transformar uma disciplina num conjunto de problemas é trabalho árduo, “mas que depois de se começar, se torna tão interessante que já não é possível voltar atrás.”

Ulmer usa a estratégia de APBR, que combina mini-conferências em certos dias da semana com trabalho de grupo na sala de aula, noutros. Para ela este trabalho realizado na aula, com todos os recursos disponíveis, é uma necessidade para os alunos. Segundo ela, de início, preocupava-se com o seu papel de tutora querendo manter os alunos no “caminho certo” ao longo da discussão. Nas suas próprias palavras, “Era difícil de início, mas acabei por confiar mais nos alunos. É complicado não assumir uma atitude directiva, mas é preferível deixar a aprendizagem acontecer.”

A princípio preocupava-se com o facto de não estarem a ser suficientemente apresentadas aos alunos as diferentes perspectivas teóricas sobre os vários temas. Entretanto, descobriu que, embora não fossem capazes de debitar nomes e datas, os alunos tinham adquirido os conceitos. “O que era melhor, de facto.”

Como ela própria diz: “Esta abordagem dá aos alunos um *feed-back* imediato. Mantém um fluxo constante entre o professor e o aluno, o que não tem preço.” (...)

Adeus, “Cavaleiro Solitário”

Porquê agora? Se a resolução de problemas, o “compromisso”, a aplicação, a investigação activa, são há muito reconhecidos como a chave da motivação e educação, porque é que esta abordagem é vista como “recentemente recuperada”? Devido a, pelo menos, duas razões.

David Chapman, da Universidade Samford, fala da “explosão de informação”. Segundo diz, esta fez com que “o modelo tradicionalmente utilizado se tenha tornado cada vez mais difícil de defender.”

“O cavaleiro solitário já não existe,” afirma John Cavanaugh. Eis a segunda razão pela qual chegou o momento da APBR. “Presentemente, o mundo funciona trabalhando em equipa.” O que os alunos aprendem sobre colaboração, diferentes abordagens de um problema, cooperação e responsabilidade, torna a sua aprendizagem multifacetada, mais rica e, de certo modo, mais profunda.

(Excertos de um texto disponível em: www.ntlf.com/html/pi/9812/pbl_1htm)